

20º DOMINGO APÓS PENTECOSTES

TEXTO: ISAÍAS 25.6–9

As leituras bíblicas para este domingo, aparentemente com exceção de Fp 4.4–13, tratam de um assunto à primeira vista bem profano: “festas” e “convites” para festas. É importante, entretanto, fazer logo de início uma observação: diferentemente dos dias de hoje, onde a alimentação é algo bastante individual e, normalmente, tem somente o objetivo de “matar a fome” (o tal do “fast food” é o melhor exemplo para isso!), as refeições no antigo Oriente Médio tem um componente muito forte de comunhão. Alimentar-se em conjunto ou participar como convidado de uma festa significa ter laços estreitos com aqueles que estão juntos à mesa e com o anfitrião. Não é por acaso, portanto, que as Escrituras Sagradas sempre comparam o Reino de Deus ou dos Céus com uma (grande) festa.

A meu ver, seria interessante resgatar o assunto “festa” e “convite” neste domingo e explorar os detalhes diferentes que cada um dos textos traz sobre esse assunto.

Salmo 23

Se lermos o Salmo a partir da perspectiva de uma “festa”, vamos encontrar os seguintes detalhes: eu sou convidado pessoalmente para essa festa, eu diria até que a festa foi preparada exclusivamente para mim. Eu sou “convidado de honra” e o meu anfitrião não é mesquinho, não economiza às minhas custas, pois ele enche o meu copo “até a boca”.

Eu sou convidado de honra dessa festa porque há uma forte relação entre mim e o meu anfitrião. Da minha parte, eu confio nele em todas as ocasiões da minha vida: eu sei que ele me protege e dirige, que ele me faz descansar “em pastos verdes”, que ele me leva “a águas tranquilas”, que ele me “dá novas forças”, que ele “me guia no caminho certo” e assim por diante. Até mesmo diante do maior desafio da vida, da morte, eu não preciso ter medo. De fato, eu não preciso ter “medo de nada”.

Essa confiança somente é possível porque o meu anfitrião é o Deus Eterno. O Salmo atribui a Deus a imagem do pastor, daquele que cuida do seu rebanho e zela por ele. Eu faço parte do seu rebanho e não há quaisquer dúvidas quanto às boas intenções do meu pastor-anfitrião para comigo: simplesmente a sua “bondade e o seu amor ficarão comigo enquanto eu viver”. Neste versículo o texto original hebraico traz a expressão “misericórdia” (רַחֲמִים), que talvez seja antiquada, mas que expressa muito bem o amor de Deus para comigo e para cada um de nós que pertencemos ao seu rebanho.

De fato, porque o Senhor é o meu pastor, “nada me faltará”. Essa é a mensagem mais forte e mais significativa desse Salmo. A “festa” aqui no caso seria uma metáfora para a minha vida. Certamente, nem tudo dá certo na vida: há “vales escuros” como a morte, há “inimigos”, mas o fato de que o Deus Eterno “está comigo” faz a diferença!

Mateus 22.1–14

Se continuarmos enfocando o assunto “festa”, vamos encontrar outros detalhes no texto do Evangelho. Trata-se de uma festa de casamento, sempre uma grande festa no Oriente Médio. Entretanto, os acontecimentos aqui são dramáticos. O anfitrião – um rei! – está de bom humor e distribui convites para o casamento do seu filho.

Os convidados, porém, “não quiseram vir”. A partir daqui começa o drama. Eles não querem vir porque alguns tem coisa “melhor” para fazer, outros são tão salafrários, que eles espancam e matam os empregados que trazem os convites. De fato, trata-se não somente de um insulto para com o anfitrião, como também de uma rebelião contra o rei. Certamente, qualquer um de nós reagiria diante de tanta sem-vergonhice como este rei e daria uma lição inesquecível nesses convidados.

Depois desse fiasco, o convite seguinte é amplo, tão amplo que ele envolve “tanto bons como maus”. Detalhe importante: a festa não é cancelada, mas sim ampliada! Isso significa que o anfitrião não está ofendido, como nós seres humanos estaríamos, mas que ele transforma a ofensa em bondade e amor (e por que não dizer: misericórdia!) Os empregados saem e convidam todo mundo que encontram pelas ruas, de modo que a casa fica cheia. A história poderia acabar aqui (final feliz!), mas ela continua. No meio da multidão de convidados há

um que, estranhamente, não está preparado. Interrogado, ele não se justifica. No final das contas acontece algo que é muito comum em festas e bailes desta vida: os seguranças atiram o intruso para fora.

Essa parábola é difícil de interpretar, principalmente a segunda parte, e corre o risco de ser pregada num sentido legalista. O seu contexto histórico são as disputas entre Jesus e aqueles que não aceitam a sua mensagem, aqueles que no passado rejeitaram os profetas que prepararam o seu caminho e assim por diante. As palavras duras de Jesus se dirigem àqueles que rejeitam o Evangelho.

Na minha opinião, o melhor caminho é encaixar a mensagem central da parábola na mensagem geral do Reino de Deus: este está aberto para todos e Deus “convida” todos – sem exceção – para participar da sua “festa”, mas isso não significa que todos os convidados, de fato, estarão, definitivamente, participando da “festa”, porque o “convite” pode ser rejeitado. Deus dá ao ser humano a liberdade de rejeitá-lo! Não estar se comportando adequadamente durante a festa (“roupas de festa”) também é uma forma de rejeição ou desprezo para com o anfitrião, talvez de uma forma mais sutil, isto é, não rejeitando abertamente, como aqueles primeiros, mas sim “fazendo de conta” que aceita o convite.

A meu ver, entretanto, não se deve extrapolar muito o significado dessa parte da parábola. Em todo caso, deve-se evitar nesse ponto a ideia de “dignidade”, pois isso poderia levar à ideia de mérito, o que não é compatível com o testemunho bíblico e confessional luterano. Além do mais, o sentido da parábola não é ético, mas sim existencial.

Diferentemente do Salmo, que identifica a festa com a vida nesse mundo sob o amor de Deus, a parábola de Mateus focaliza o aspecto escatológico do Reino de Deus. A festa começa aqui e agora com o “convite” divino, mas o auge – o bom da festa mesmo – ainda está por vir.

Filipenses 4.4–13

Como já mencionei no início, o texto da Carta aos Filipenses parece não se encaixar bem no tema “festa” e “convite” que estou sugerindo. Trata-se de conselhos dados pelo apóstolo aos

membros da comunidade, dicas de como eles devem se comportar – como cristãos e cristãs – até a vinda do Senhor Jesus Cristo.

São ideais que, sem dúvida, desejamos para as nossas comunidades: alegria, união, bondade, despreocupação, oração, gratidão, paz, verdade, dignidade, justiça, pureza, agradabilidade, honestidade. Essa lista já mostra que se trata de objetivos a serem buscados, pois a realidade de nossas comunidades – e da vida de cada um de nós – é bem diferente. São coisas que nós devemos buscar, sim, mas que nós não alcançaremos neste mundo.

Por isso, a mensagem central desta passagem, a meu ver, tem um sentido duplo: ela é escatológica: “O Senhor virá logo”, mas ela também está bem enraizada nessa vida: os cristãos e cristãs devem viver como tais nesse mundo e dar o melhor de si para se preparar para a vinda do Senhor. Não no sentido de que eles e elas, através desta preparação, vão merecer lugares melhores no Reino por vir, mas, simplesmente, porque eles são os convidados de honra – por meio da fé que lhes foi dada de presente – daquele que virá.

O filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844–1900) escreveu que “os discípulos (de Cristo) deveriam dar uma impressão melhor de serem redimidos”. Aquilo que o filósofo afirma como crítica ao Cristianismo é o mesmo que o apóstolo diz em termos de encorajamento para a vida cristã neste mundo provisório. Vivendo como cristãos e cristãs nesse mundo daremos testemunho daquele que virá para redimi-lo. Quer dizer: nós já começamos a festejar aqui e agora!

Lendo o texto a partir dessa perspectiva, é possível fazer uma ligação entre esse texto, que focaliza a vida da comunidade cristã nesse mundo em preparo para a volta do Senhor, com as demais leituras do domingo, que focalizam mais a realidade do Reino de Deus após esse mundo, a “festa” eterna dos redimidos de Deus em Mateus e a festa do dia-a-dia com o Senhor do Salmo 23. Temos, portando, os dois aspectos da vida aqui e da vida depois da vida, do “já” deste mundo e do “ainda não” escatológico. A “festa” começa aqui e continua na eternidade.

Isaías 25.6–9

O texto do profeta Isaías sintetiza, a meu ver, as ideias que estão embutidas nas outras leituras deste Vigésimo Domingo após Pentecostes. Vou usá-lo como texto-base para o sermão.

Nós temos aqui o foco escolhido, a ideia da grande “festa” escatológica, que é descrita de uma maneira bem material e concreta: as comidas serão das melhores e os vinhos dos mais finos. É claro que, este “materialismo” é simbólico e serve somente para sublinhar a situação indescritível desta “festa”. Essa festa não tem comparação! Nessa grande “festa eterna” não haverá mais lugar para tristeza nem choro. Não haverá mais lágrimas, sinônimo de sofrimento, até mesmo a morte não mais existirá. A relação desse texto com a descrição do novo céu e da nova terra em Ap 21.3–4 é evidente.

Quem são os convidados para esta grande “festa” maravilhosa e eterna? Simplesmente “todos os povos do mundo”. Essa afirmação se encaixa perfeitamente naquilo que foi dito na parábola do rei que manda seus empregados às ruas convidar todo mundo, isto é, tanto os bons como os maus. No Reino de Deus não há discriminação, não há desigualdades, não há privilégios. Todos são chamados, isto é, continuando a usar a metáfora: todos são convidados. Essa afirmação é perfeitamente congruente com a ordem do Senhor: “vão a todos os povos do mundo e façam que sejam meus seguidores” (Mt 28.19).

Como já disse, a “festa” é escatológica, tanto aqui como na parábola do Evangelho. Entretanto, Isaías, descrevendo a situação, a alegria, daqueles que estão eternamente festejando, faz com que os redimidos digam em retrospectiva: “Ele é o nosso Deus. Nós pusemos a nossa esperança nele, e ele nos salvou. Ele é o nosso Deus Eterno, e nós confiamos nele.”

Aqui encontramos, novamente, as perspectivas do Salmo e da Carta aos Filipenses, a perspectiva desta vida, que é vivida em esperança e confiança. Viver em esperança e confiança é estar preparado (veja a parábola!) para a “festa” eterna, para a vinda do Reino de Deus. No original hebraico temos no texto de Isaías a mesma raiz para “esperar” e “confiar”: $\eta\eta$ que, etimologicamente, vem de um substantivo que significa “cordão” ou “fio” e pode, como verbo, ter o sentido de “ligar” ou “amarrar”.

Acho essa etimologia muito interessante, pois ela indica que “esperar” e “confiar” desenvolvem-se a partir de uma ligação ou amarração. Não seria difícil ver aqui as implicações da fé, do presente gratuito que o Espírito Santo nos dá através da Palavra de Deus e dos Sacramentos. Ter fé é estar “ligado”, “amarrado” ao Senhor, o que faz com que possamos confiar nele (dimensão desta vida) e esperar por ele (dimensão eterna). Falando em termos da metáfora da festa, a fé é a aceitação do convite para a festa. Claro que o aceitar do convite não é obra nem mérito humano, pois é o Espírito Santo o autor tanto do convite como da aceitação. Somente o rejeitar do convite é obra humana.

Aqui temos a insolúvel tensão bíblica e confessional entre Lei e Evangelho que faz parte de qualquer bom sermão luterano.

O que eu pregaria?

O meu sermão seria, como disse, sobre Is 25.6–9 com menção aqui e ali dos outros textos lidos durante o culto.

Foco dogmático: Escatologia, a vinda do Reino de Deus, do novo céu e da nova terra, onde os redimidos do Senhor “festejarão” junto com ele eternamente. A esperança dessa realidade por vir, influencia, através da fé, a nossa realidade neste mundo.

Foco homilético: Consolo diante da dureza e das incertezas desta vida, porque nós somos convidados de Deus para a festa eterna. Como convidados de honra já podemos começar a “festejar” aqui e agora, seguir em frente sem medo, “Pois tu, ó Deus Eterno, estás comigo; tu me proteges e me diriges”. (Sl 23.4)

1) Introdução

- Tem gente que não gosta de festa, mas esses são exceção. A grande maioria das pessoas gosta de uma festa, pois é uma oportunidade de conviver com outras pessoas, de comer e beber bem, de esquecer os problemas do dia-a-dia, de se alegrar.
- Quando recebemos o convite para uma festa, nós já nos alegramos de antemão. Nós ficamos na expectativa, contando os dias para a festa, ficamos de bom humor, etc.

- Quão maior seria essa alegria antecipada, se a festa fosse eterna e o anfitrião fosse o Deus Eterno?
- Essa festa existe e nós somos os convidados!

2) Desenvolvimento

- Deus nos convida para a sua festa eterna por meio da sua Palavra e dos Sacramentos.
- Esse convite é para todos. Não há exceções e discriminações no Reino de Deus. Deus nos faz aceitar o seu convite por meio da fé que o Espírito Santo planta em nossos corações.
- Entretanto, há empecilhos. É difícil ficar na fé porque os desafios são muito grandes: problemas pessoais, doenças, guerras, instabilidade política, insegurança, catástrofes climáticas etc. Em suma: o pecado que reina por toda parte. (Aqui os detalhes podem ser bem concretos, dependendo da situação local).
- Na festa eterna de Deus, para a qual nós estamos convidados, todos esses desafios e problemas desaparecerão: não haverá mais tristeza nem choro, o próprio Deus enxugará as nossas lágrimas.
- Mas isso tudo não é somente futuro. O fato de que essa festa eterna “está marcada” (pela morte e ressurreição de nosso Senhor Jesus Cristo) e de que nós somos convidados (pela fé que o Espírito Santo nos dá), muda totalmente a nossa vida nesse mundo: nós podemos viver com confiança e esperança.
- Isso faz com que vivamos como cristãos e cristãs nesse mundo: Fp 4.4–9. (Aqui pode se colocar o foco sobre a paz que Deus nos dá nesse mundo. Nesse ponto também há lugar para o Salmo 23 com o seu enfoque na confiança em Deus.) Como convidados de Deus vivemos tranquilos nesse mundo, pois o Senhor é o nosso “pastor”.
- Em suma: tendo em vista de que a festa eterna está marcada e de que nós somos convidados, nós já podemos, como cristãos e cristãs, começar a festejar aqui e agora. A alegria dessa festa é contagiante!
- Uma alusão à Santa Ceia como prolepse (sem usar esse termo técnico, naturalmente) da festa (banquete) eterna com Deus teria o seu lugar aqui, principalmente se o culto é com Santa Ceia, mas não há obrigatoriedade de fazer essa alusão.

3) Conclusão

- Deus nos convida para a sua festa eterna por meio da sua Palavra e nos faz aceitar esse convite por meio do Espírito Santo.
- Vivamos como “convidados de honra de Deus” nesse mundo, sem temor e em paz, dando a nossa contribuição para espalhar esse convite entre todos os povos.
- Demos graças e louvemos a Deus por esse convite que nós não merecemos, mas que recebemos pelo amor / pela misericórdia do Deus Triúno.

Prof. Dr. Gilberto da Silva, M.S.T.

Oberursel – Alemanha

E-mail: dasilva.g@lthh-oberursel.de